

MEMÓRIAS NO CANDOMBLÉ: ALEGRIAS E ANGÚSTIAS

Danielle de Cássia Afonso Ramos¹

Akulu adya mba (ngazi), atawul'e nkamfi.

Os antepassados cumpriram os seus deveres e transmitiram o facho às novas gerações. Agora, é a vez destas se mostrarem dignas da herança recebida.

(KUNZIKA, 2008, p.32).

Esse texto tem por objetivo abordar algumas lembranças reais a respeito das minhas experiências dentro do terreiro de Candomblé, desde a infância até os dias atuais. A narrativa me permite abordar alguns deleites e algumas inquietudes que vivenciei dentro do Candomblé.

Quando o seu pai é um sacerdote² de religião afro-brasileira, a regra, é que você trilhe, necessariamente, o mesmo caminho. Comigo, por um longo período a história foi bem diferente, mas antes de adentrá-la, permita-me contá-la do princípio.

Meu pai, Juarêz Afonso – Tata Orionan, chegou à Brasília na década de 1970. Vindo de uma típica família mineira, católica e conservadora, desconhecia os mistérios das religiões afro-brasileiras. Em sua cidade natal, São João Del Rey, foi coroinha e frequentador assíduo das missas dominicais na igreja matriz.

Através de um amigo foi convidado a conhecer um terreiro tradicional - Centro Espírita Caboclo Serra Negra – localizado à época em uma chácara na região de Taguatinga. Meu pai conta que aceitou o convite a título de curiosidade, mas que na verdade estava amedrontado. Acontece que ele entrou em transe e desse dia quase nada se lembra. Fato, é que, pouco tempo depois estávamos (eu, minha irmã e meus pais) frequentando o barracão da mãe de santo Leila Nogueira - Mameto Luankeji.

Mãe Leila era uma senhora negra, bem alta, forte, e bem rigorosa. Tinha uma bela voz, havia sido cantora de rádio na juventude. Estava sempre de olhos entreabertos, entendi um

¹ Jornalista e graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Integrante do Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras. e-mail: danyelledecassia@gmail.com.

² Popularmente conhecido como “pai de santo”; e no Candomblé de Angola como “Tata riá nkise”.

tempo depois que ela tinha uma deficiência visual. Na sua chácara havia três casas, dois barracões, muitas casas menores onde se localizam os assentamentos das entidades, espaço onde criavam algumas aves, pomar, córrego, entre outros. Apesar de a iniciação ser nos fundamentos de Candomblé de Angola, a mãe de santo não abria mão dos “toques”, que eram considerados para entidades³ de umbanda e jurema.

Assim começou minha história dentro da religião. Eu tinha apenas oito anos de idade, mas gostava de passar os sábados na “roça”. A comunidade que frequentava o terreiro era bem grande, penso que cerca de cinquenta pessoas ou mais; dentre elas havia muitas crianças com quem podia brincar e passar o tempo, e nós sabíamos aproveitar cada instante. O culto iniciava às quinze horas, mas chegávamos cedo porque tinha muitas tarefas a serem executadas. Mesmo as crianças tinham suas tarefas: alimentar as aves, ajudar os adultos na limpeza do barracão, varrer o terreiro, ajudar as mulheres na cozinha, etc.

Sabíamos que tinha alguns lugares que não era permitido entrar, a mãe dizia: -Menina! Aí não pode! Hoje entendo que se tratava de locais sagrados em que só adentravam aqueles já iniciados no culto.

Depois que terminávamos as tarefas podíamos tomar banho no córrego, ir ao pomar buscar frutas, correr atrás das galinhas e patos. Era uma diversão. Fiz grandes amigos ali! Durante a sessão, as crianças ficavam auxiliando os adultos que estavam trabalhando com as entidades, éramos os cambonos. Normalmente, não ficávamos acordados até o final, adormecíamos nos sofás dispostos na assistência, porque as sessões entravam madrugada adentro.

A relação da minha família com a dona do terreiro foi se estreitando, e meu pai tornou-se seu “braço direito”, isso mesmo, ela não concedia, formalmente, cargos na casa, salvo àqueles que tocavam os tambores⁴. Em um momento de dificuldades financeiras ela abriu as portas do seu terreiro e minha família foi morar em uma casa dentro da roça.

A partir de agora, não era apenas o sábado de dedicação. Agora havia sessão às segundas-feiras para os exus catiços, três vezes por semana a Mãe Leila atendia pessoas em consultas particulares - eu e minha irmã nos revezávamos em ajudá-la -, nas quintas havia doutrina para os médiuns.

Esse período coincide com minha entrada na adolescência, então essa imersão intensa na religião já não era tão harmoniosa como outrora.

³ Preto velho, boiadeiro, caboclo, juremeiro.

⁴ No candomblé de Angola aqueles que tocam os atabaques podem ser chamados de Tata Kambuí ou Tata Muxiki.

A essa altura meus interesses eram diversos, eu queria ter tempo para me divertir fora do espaço do terreiro, mas morando na roça meus desejos ficavam em segundo plano. Meu pai já tinha se iniciado, então sua atenção estava exclusivamente voltada ao culto. Foi nesse momento, que ele numa tentativa de manter o controle, obrigou-me a participar das sessões. Então, contra minha vontade, eu permanecia indo aos encontros.

A imposição feita pelo meu pai impactou negativamente nossa relação, e conseqüentemente, meus sentimentos pela religião. Aos poucos sentia a hostilidade crescendo dentro de mim, já não conseguia me concentrar durante os rituais. Meu corpo estava presente, mas minha cabeça e coração ficavam cada vez mais distantes.

Quando estava com quinze anos, meus pais decidiram separar-se, o rompimento dificultava que eu, minha mãe e irmã continuássemos a frequentar a casa, que era de difícil acesso sem veículo próprio. Nesse momento me senti livre e aliviada. Meu pai não podia mais me obrigar a frequentar as sessões no terreiro. Confesso que sentia falta das pessoas, dos meus amigos, das músicas, das festas, das sensações, dos cheiros, mas estava feliz por ter autonomia de fazer minhas escolhas.

Tive tempo de sobra. Foram dois anos sem manter contato com meu pai e dez anos longe do Candomblé. Fiquei maior parte desse período sem frequentar nenhum segmento religioso, somente nos últimos dois anos experimentei outros de cunho pentecostal, mas não estabeleci relações com nenhum deles. Até que atendendo um pedido de ajuda fui levada ao encontro do meu pai, que a essa altura já tinha seu próprio terreiro⁵ no entorno de Brasília.

O ritual recheado de cores, cheiros, ritmo e simbolismo. Confesso que foi emocionante ouvir o som do atabaque e a harmonia das vozes entoando as cantigas. A pele ficou arrepiada e o coração acelerado em ritmo barra-vento. Rever alguns rostos conhecidos foi reconfortante. Não me contive. Nas sessões seguintes, que eram quinzenais, fomos novamente; no entanto, eu, como visitante, apenas para assistir e vislumbrar o culto.

Cerca de um ano depois eu voltava ao Candomblé. Agora, pesava sobre meus ombros a responsabilidade de ser “a primogênita do pai de santo”. Havia expectativas e especulações sobre meu regresso, mas eu não tinha presa e nenhuma pretensão. Sentia-me mais segura e as coisas faziam mais sentido nesse momento. Minha dedicação era por vontade própria, nada me era imposto. Tudo foi no meu tempo, e esse processo foi indolor.

⁵ Terreiro Abassá de *Lembá* – Valparaíso de Goiás.

Dentro do culto me apaixonei e me casei, numa cerimônia inesquecível, fomos abençoados pelos nkises⁶, na presença dos nossos familiares e amigos. Fui conduzida pelo barracão por meu pai e foi ele mesmo quem realizou a cerimônia.

Alguns anos depois, seu filho de santo mais velho – Cláudio Antônio - concluía suas obrigações e em pouco tempo abriu seu terreiro no Lago Oeste – Sobradinho. Decidida a me iniciar no Candomblé de Angola, decidi que Cláudio – Tata Nuanji de Nzazi, seria meu mentor, já que na nossa tradição, meu pai carnal não poderia fazer o procedimento.

Os preparativos para a iniciação demandam tempo e recursos. Foram seis meses entre idas e vindas, na intenção de que tudo fosse perfeito. Afinal, o intervalo entre o primeiro dia em um terreiro e minha entrada no quarto de santo foram vinte e quatro anos.

Enfim, com toda família consanguínea e a família de santo reunida e em sintonia, em novembro de 2012 me recolhi como Danielle de Cássia A. Ramos, e em 1º de dezembro (re)nasci como “Malevú Dizambureji” para o nkise Bamburusema⁷.

Como dizia o poeta Vinícius de Moraes: “por mais longa que seja caminhada o mais importante é dar o primeiro passo”. Depois da iniciação, as obrigações se sucedem até os sete anos. Nesse período, nos dedicamos aos ensinamentos; aprendemos todos os dias com os mais velhos de santo, e, à medida que os anos se passam, transmitimos o que aprendemos aos mais novos.

Tive autonomia e convicção de escolher a religião que me vinculava aos meus antepassados. Desse dia em diante, minha relação com a religião e com a vida sofreram uma metamorfose. Tenho uma conexão intensa com meus nkises e sinto que a constante presença deles tornou-me uma pessoa melhor.

Hoje, procuro ter uma relação mais harmoniosa e fraternal com as pessoas a minha volta. Compreendo que a seu modo, meu pai, apenas queria demonstrar que todos nós temos um caminho a trilhar, e o meu, permeava o Candomblé. Eu, assim como outras pessoas, precisei de mais tempo para entender que meu destino já estava traçado, e que apesar das dificuldades, das minhas fraquezas e provações a minha ancestralidade seria preponderante. E o amor pelo sagrado, pelos nkises e pelo Candomblé só aumenta, arrisca-me a dizer que é imensurável.

⁶ Nome atribuído às divindades do Candomblé de Angola, nomeados pelos iorubanos de orixás. Tais como: *Mavambo, Pambunjila, Nkosi, Kabila, Mutalambo, Tawamin, Katende, Hangolo, Hagolomeia, Telekompensu, Kitempo, Nzazi, Luango, Nsumbu, Kaviungo, Kicongo, Matamba, Bamburusema, Kaiango, Dandalunda, Kissimbe, Mikaia, Kukueto, Zumberandá, Lembarenganga, Kassuté, Vunji*, etc.

⁷ Divindade guerreira que comanda os *vumbis* (mortos) e está é vinculada aos fenômenos ligados ao fogo e aos raios.

Referências

BARCELLOS, Mario Cesar. *Jamberesu – As cantigas de Angola*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

COSTA, José Rodrigues da. *Candomblé de Angola: Nação Kasanje*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

KUNZIKA, Emanuel. *Dicionário de provérbios Kikongo*. Luanda: Editorial: Nzila, 2008.